

Escuta:

Entraste aqui e agora estás nesta sala, onde talvez o mundo se silencie por algum tempo - ou talvez não e persistam ecos de realidades, inquietações, lembranças que, contudo, convém que deixes quietas para que **outra coisa** aconteça.

Portanto, o espaço aqui é quase branco e, nele, há uma imagem pintada que surge e que se repete, como um refrão que entoia e exercita sons ou vocalizos sob o ritmo apagado de um metrónomo caprichoso.

Em variações maiores ou menores, **aparece-nos** uma situação mais ou menos concreta: uma certa figura feminina num certo lugar.

Aparece-nos, mas logo se suspende, como se não fosse possível fixá-la ou prendê-la. Surge e apaga-se. Num momento a imagem da figura está lá, no seguinte não. O lugar sim.

Depois ela – a imagem da situação – volta a surgir de novo, renascida a partir da anterior, questionando-lhe a certeza da matéria que, sem dúvida, apela ao toque.

Sim, podes tocar levemente. A imagem tem corpo que está aqui, temperatura próxima da tua, rugosidades, asperezas. Acompanha-te na tua realidade física, está contigo, confirmando que podes regressar a ela a qualquer momento, o que te deixa livre para prosseguir, na sala branca, como num livro que se pode agarrar e deixar, voltar e abrir a meio, ler ou reler passagens ao acaso – pois tal é a natureza da **pintura**.

A cena repete-se, pois: a mesma figura, o mesmo lugar. Ritual, sedução, obsessão?

Nesse aparecimento repetido da paisagem e do autorretrato, as diferenças começam a sobressair na toada idêntica, variações cromáticas e de escala que destacam a figura, as suas nuances de posição, vestuário, pequenos pertences. Lemos sintomas da passagem do tempo nos sabores da repetição dos gestos em dias diferentes, um após o outro, mesmo que, aqui, a ordem natural possa ser travada e subvertida, bastando que os passos invertam o sentido da marcha ou que memória ou imaginação traiam a lógica.

Também nessa figura se confunde, pouco a pouco, a nossa relação com a gravidade, pois a estranha posição deitada desestabiliza as coordenadas da cena, havendo um momento em que o quadro vertical se desloca e torna um abismo, fazendo-nos ver de cima para baixo. Então, nesse **acontecimento**, cada quadro é o poço da sua origem no chão aberto da galeria. E através dele perpassam sons de vento e água que corre, vozes ao longe, talvez uma melodia profunda por dentro da terra, ecos de vida que alguém como nós, de ouvidos no chão, escuta.

Porque ela – e aqui precise-se algo que suponho importante – essa figura deitada de lado no chão indaga-nos de modo muito particular e seu, driblando associações mais ou menos óbvias na senda dos mitos. Não é uma imagem de queda, logo deixemos Ícaro na sua punição, nem desfalece como Ofélia ou mergulha no abismo

como Narciso, embora de Eco guarde a voz e, de Ariel, a ligação com a terra. Nesse seu gesto como que de aconchego ao chão, parece perscrutar o mistério do lugar a partir da sua própria **pertença** e, nesse, a sua história, a sua inacreditável existência que, num país e num planeta improváveis, ali persistem à beira da sua e nossa efemeridade.

Para além disso, sem dúvida que chegam reminiscências também da genealogia das imagens figurativas, sejam da pintura ou não: estão lá clássicos, naturalistas, simbolistas (pré-rafaelitas incluídos), impressionistas, ecos europeus e orientais e, já nos últimos duzentos anos, da fotografia e do cinema, não só da pintura. E, se as imagens aqui presentes não são procuradas através de esboços gráficos mas de estudos materializados em fotografias e pequenos filmes da autora – e também por isso **aparecem** – isto sucede sem ceder ao academismo fácil da boleia da catadupa de referências dominantes que viajam à velocidade desnaturalizada da internet, na informação generalizada que parece tornar mais nosso o que está longe do que ao alcance do corpo real. Se há coisa que aqui é também evidente, é a procura de um destino na honesta capacidade de uma escuta pessoal e autêntica, de vida e voz próprias no meio da vertigem, da espuma desse real.

Disso fala, também, esse lugar para onde esta pintura nos sorve: como se fosse beber água a um certo poço que só é especial por ser seu, fala da absoluta necessidade de uma **suspensão da vertigem**, de instauração de uma âncora que funcione como possibilidade de **re-significação** da vida, do privilégio de sermos únicos não na instauração da utopia, mas na descoberta de um fio narrativo que torne a nossa história viável – e isso é algo que também surge nalguma questionadora pintura contemporânea e deveria talvez buscar hipóteses de lugar próprio na pintura portuguesa de hoje.

Entretanto, os brilhos inebriantes da água já nos devolveram a impossibilidade de ficar ali, e seguimos o sussurro das oscilações da folhagem que a pincelada agita, da cor sábia e limpa que reverbera reflexos. E, da luz branca e diurna das coordenadas incertas daquele lugar abissal, regressámos a este outro sítio com esquinas e paredes verticais, candeeiros, telemóveis.

Mas lá, nesse outro, havia um apelo. Ouviste?

Podemos (quase) sempre regressar.

Isabel Sabino

12 de fevereiro, 2016

Ana Mata *Pintura*

março/ 2016

**MODULO**  
CENTRO DIFUSOR DE ARTE